

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 10 Números 5\$00

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

UMA FESTA

PELA CIDADE

Faz hoje oito dias que se realizou o Juramento de Bandeiras dos Alunos da Escola de Sargentos Milicianos no Quartel do extinto Regimento de Infantaria 4, de Tavira.

Festa completa em toda a acepção do termo, onde não sabemos que mais admirar se a orientação que a ela presidiu, se a pericia, e conhecimento da arte militar, as aptidões desportivas dos alunos, se a bela lição de gratidão que deram com a inauguração do retrato do seu Comandante, Coronel tirocinado Sr. Cortês dos Santos. Para o público que assistiu, o cúme foi a demonstração de ginástica com arma, feita por toda a Escola, comandada pelo Sr. Tenente Pereira.

Logo na 1.ª parte, o Juramento de Bandeira, a apresentação da Escola encantou, o discurso do Major Sr. Amandio Machado foi uma bela lição da doutrina histórico-militar e as palavras do juramento foram proferidas com firmeza.

Em seguida, o Regimento na sua máxima força desfilou pelas ruas da cidade, a fim de prestar homenagem ao monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Depois de recolher ao Quartel, realizou-se a 2.ª parte da festa desportiva e militar. A assistência numerosa e barulhenta, palmejou à vontade os numeros que mais agradaram.

Antes de terminar, realizou-se aquela parte do programa que aos nacionalistas mais entusiasmava, a inauguração dos retratos dos Chefes do Estado e do Governo. Era uma grande aspiração que finalmente viamos realizada. Após breves palavras do Capitão Sr. Bitá, as Filhas dos Srs. Coronel Cortês dos Santos e Capitão Bitá procederam ao descerramento, respectivamente, dos retratos dos Srs. General Carmona e Dr. Salazar. Uma grande salva de palmas coroou o acto.

A seguir, depois de algumas palavras de justificação do acto, de um aluno, a Filha do Major Sr. Jaime Leal descerrou o retrato do Coronel Sr. Cortês dos Santos, surpresa do Corpo de Alunos ao seu digno Comandante em prova de gratidão pela maneira como este tinha orientado a sua acção. Mais palmas e a festa tinha acabado.

Ao atravessarmos a parada daquele belo quartel, não podíamos esconder o profundo desgosto que sentíamos ao lembrarmos-nos que em breve ficaria abandonado. O Regimento estava extinto e mais dois meses a Escola tinha acabado as suas aulas.

Este belo quartel, talvez o melhor ao sul do Tejo, ficava sem tropa pelas exigências da reorganização militar. Como tavirense e como nacionalista, habituado a ver desde criança sempre soldados na minha terra e a honrar e admirar o Exército Português, na minha alma qualquer coisa como que se desgarrava ao pensar no vácuo enorme que em breve se faria em Tavira com o desaparecimento do seu Regimento.

Temos a certeza que só as necessidades militares levaram o Governo a tomar esta resolução.

Já vai longe, felizmente, o tempo em que o Exército era mero juguete de políticos. Por isso mesmo, todos os Tavirenses e os nacionalistas mais do que ninguém, têm firme confiança de que o Governo há-de dar a Tavira a justa compensação pela terrível perda que vai sofrer. Que mais não seja porque, o prejuízo dum parte, por pequena que seja, da colectividade nacional faz-se sentir grandemente no todo. E o Governo tem sabido compreender a necessidade de defender os interesses dos diferentes sectores da Nação.

Por todos estes motivos e porque era grande a satisfação dos nacionalistas tavirenses ao verem no seu Quartel inaugurados os retratos do Chefe do Estado e do Chefe da Revolução Nacional, que o signatário, em nome dos nacionalistas e como Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional, telegrafou a Suas Ex.ªs associando-se em nome de todos a essas portuguezissimas homenagens.

Jaime Bento da Silva

Firma J. A. Pacheco

Tomou posse do lugar de Chefe dos Escritórios da Firma J. A. Pacheco, desta cidade o sr. Agnelo João Duarte Teixeira, distinto contabilista, que tem prestado os seus serviços nalgumas das principais firmas da capital. Ao empossado deseja o «Povo Algarvio» muitas prosperidades.

Dr. José Ribeiro Castanho

Partiu para a sua casa da Praia da Rocha, o sr. Dr. José Ribeiro Castanho, meretíssimo Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Asilo «Esperança Freire» — No passado dia 9, as educandas deste asilo foram a Olhão impressionar discos com modas populares para a Discoteca da Comissão dos Centenários.

Foram transportadas em duas caminhetas, sendo recebidas no Azilo de Nossa Senhora de Fátima pelos srs. Cônego Dr. Antonio Baptista Delgado, Director daquele azilo, Dr. Mario Lyster Franco, da Comissão Algarvia dos Centenários e Armando Leça, distinto musicólogo, da Comissão Central. Foram impressionadas oito canções escolhidas pelo sr. Armando Leça dentro do vasto repertório que as crianças conheciam. As educandas foram acompanhadas além da sr.ª Regente e mais empregadas, pelo seu Director, e Maestro Herculano Rocha, Professor de musica do azilo.

Naufragio—Deu á costa na Praia de Tavira o cadaver de Joaquim Francisco Mónica aquele desditoso marítimo que desaparecera no naufrágio dum canoa de pesca na Barra de Tavira, há poucos dias. O infeliz era muito estimado e deixa familia em precárias circunstancias.

Bispo do Algarve — Como de costume, esteve nesta cidade presidindo ao encerramento do Tríduo a Nossa Senhora de Fátima, este nosso ilustre conterraneo. Sua Ex.ª Rev.ª, no dia de Finados, rezou as tradicionais três missas.

Festa a Cristo-Rei — Um grupo de alunos do Curso de Sargentos Milicianos, com sede no Quartel de Infantaria 4, quiz abrilhantar a festa em honra de Cristo-Rei, cantando nela, e dando a todos os assistentes um lindo exemplo de Fé: fazendo uma Comunhão geral, reparadora.

A's 8,30 horas teve início a Missa da Comunhão, na Igreja de S. Paulo, celebrada pelo Rev. Prior Melo, acolitado por dois milicianos.

Tomaram parte na Comunhão geral, além dos alunos do Curso, a J. O. C. F., Apostolado da Oração, Senhoras de Caridade, Asilo Esperança Freire e bastantes outras pessoas.

A's 11 horas o Rev. Pároco cantou a missa da festa, na Paroquia de Sant'Iago, tambem acolitado por dois milicianos. Ao Evangelho, em breves e calorosas palavras, explicou que a festa de Cristo-Rei, embora recentemente instituida, data de há muitos séculos, e mostrou como a-pezar-do paganismo do mundo actual, Cristo é Rei de muitos corações.

A parte musical como na primeira missa foi executada pelo grupo de milicianos, que cantou a Missa «De Angelis» tendo no final, num vibrante entusiasmo, entoado o hino a Cristo-Rei.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia ABOIM.

Assine o «Povo Algarvio»

Pontos de Vista

ESQUECER

Ha muita gente que padêce de falta de memoria, e, por isso, facilmente esquece o bem ou o mal que faz. E, assim, não lhe é difficil esquecer ainda as consequências dêsse padecimento, consequências que podem ocasionar surpresas agradaveis ou produzir efeitos daninhos. Quando, porém se trata dum mal fisico é justo perdoar aos desmemoriados.

O perdão não se ideou para os que praticam actos voluntarios de malvadez, para os que, premeditadamente, cometem hediondos crimes, para os falsarios, para os indiferentes pelas vidas alheias.

O perdão é para os que fraquejam pela sua insensatez e pela sua desventura, mas nos quais se reconhecem sentimentos profundamente bons.

O pior é que nem sempre os que esquecem são victimas da sua memoria. Ha quem esqueça por conveniência, por vicio, por irregularidade de caracter e até por manha. Ha mesmo quem esqueça porque é mau, porque é perigoso, porque entende dever esquecer, embora moralmente se considere vexado, amesquinhado, inutilizado, perdido.

Ainda há os que esquecem por esperteza, por calculo, com intenção. São, afinal, como todos os que esquecem por querer, trapaceiros ou criminosos. E nesta ordem de ideias o perdão não os atinge, não é para eles.

Lembram-nos a proposito dois casos interessantes: um passado com um médico, o outro com um politico.

Ao médico foi apresentado certo dia, por um desconhecido, um chèque de elevada quantia, com destino á conclusão de um hospital. As seguintes palavras acompanharam o chèque: «Tenho por habito esquecer o bem que faço. Não me pergunte, portanto, quem sou porque lho não direi. E sumiu-se.»

Desnecessário será dizer que só passados alguns anos veio a descobrir-se o benemerito. Havia já falecido. Entretanto, êle teve ocasião de verificar que o altruismo da sua acção jamais foi esquecido. E nunca se arrependeu do bem que praticou.

Com o politico o caso mudou de figura. Um pobre diabo, arruinado e cheio de filhos, pediu-lhe um emprêgo, invocando os sacrificios que havia feito para o guindar àquella alta posição.

Por causa dêle estava na miseria. Muitos promettimentos, muitas esperanças, e um belo dia o tal politico, fitando-o, bradou:

— Vais ser colocado. E's um felizão!

Serve-te um lugar de continuo na Alfandega?

— Se serve. A fome é negra...

— Pois dou-te a minha palavra de honra que vais ser nomeado para lá.

Passaram-se mezes e o homem continuava á espéra do emprego. O politico não dava rumór de si. Até que, numa esplendida tarde encontravam-se casualmente os dois.

— Ora até que enfim te encontro, exclama o politico!

— Estou farto de te procurar!

— Já te empregaste?

— Não; esperava o lugar que me prometêste...

— Que te prometi?

— Sim, na Alfandega... continuo... Deste-me a tua palavra de honra que seria o nomeado...

— Oh! diabol! Esqueci-me de ti!...

— E da palavra de honra...

— Ora, ora, ora, meu caro, palavras leva-as o vento!...

— Mesmo as de honra?

— E porque não? Uma pessoa como eu não pôde estar na dependencia duma simples palavra... de honra! O necessario é desembarrarmos dos importunos!

— Como eu?

— Talvez...

E despediram-se os dois. Um atirando desdenhosamente para a cara do infeliz amigo o fumo do seu charuto caro; o outro, apparatusado, amparando-se a um poste para não cair de assombro.

Esqueceu-se o benemerito e esqueceu-se o politico. Não por falta de memoria, sem duvida, mas por espirito de honestidade, de grandeza de alma, o benemerito, e por ingratidão, vaidade, o politico, insensível ás privações do amigo, ás amarguras duma familia inteira, em lucta permanente com a fome.

Era essa miseria, posta ás claras na sua frente que mais o irritava. E, como para os grandes males grandes remédios, dicituiu-se o politico pelo esquecimento cujos efeitos são decisivos.

Na hora que passa está em voga o esquecimento. Com a maior facilidade se esquece um tratado, um contrato, a palavra dada. Mas não é, só esquecer o que mais impressiona, é, como dissemos, o resultado dêsse esquecimento que muito deve astigir.

Todavia, parece, não se torna em linha de conta o futuro negro derivado de tão funesta anomalia. Porque, afinal, não ha, nem pode haver esquecimento para a palavra dada, para aquela palavra de honra dêsse mau politico que abriu uma esperança e derruiu uma illusão.

A não ser que tudo ande ás avessas, e esquecer não seja mais do que lembrar pecados que a humanidade condena por revoltarem o mundo!...

S. Sobreiro valha aos maldosos que esquecem!...

Accurcio Cardoso

Os pequenos jornais

Do brilhante defensor da causa nacionalista «Portugal», semanário de Leiria, transcrevemos o artigo abaixo, com o qual concordamos plenamente. A situação quanto a tipografia, do «Povo Algarvio» é a mesma do «Portugal». Mas não podemos deixar de juntar o nosso protesto ao daquele camarada. Ou os semanários da provincia exercem uma acção proficua em favor da cultura popular, combatendo as propagandas malsãs que se aproveitam do deficiente conhecimento que o povo tem das questões e, então, temos direito á protecção do Estado, caso contrario, proiba-se a publicação pura e simples.

Como vivemos, é impossível continuarmos.

«O nosso estimado colega «O Eco de Estremoz», publicou no seu número de 29 do mês findo a seguinte local:

Grémio de tipografias

As tipografias dos jornais da provincia, quer se inscrevam quer não, no Grémio, terão de pagar uma joia de 120\$00, e uma mensalidade de 20\$00.

Não estão os jornais em condições financeiras de fazer esse pagamento.

E' cada vez mais difficil a vida dos jornais, tornando se necessário que seja abolida a franquia postal de que estavam isentos em 1926 e que todos os anúncios judiciais sejam pagos o que se não verifica actualmente.

Isto é um não acabar de despesas sem ao menos haver a receita.

As pequenas empresas, se assim continuam terão de desaparecer.

O «Eco de Estremoz» vêm pôr mais uma vez entre tantos problemas que de muito perto interessam á vida dos pequenos jornais de provincia que incontestavelmente exercem uma acção altamente relevante na informação das populações sobre os mais variados assuntos das suas relações com o Estado, e, colaboram, também, muito dedicadamente na divulgação dos principios que orientam o Estado Novo, razão bastante para que se lhes desse uma protecção a que têm legitimo direito.

O primeiro caso que «Eco de Estremoz» debate é o que se refere á contribuição a pagar pelas tipografias dos jornais ao respectivo Grémio. Confessamos que, neste particular, não nos encontramos sufficientemente orientados porque, não possuindo «Portugal» tipografia própria não estudámos este problema. O que no entanto podemos garantir é que «Eco de Estremoz» tem absoluta razão quando diz que os jornais não estão em condições financeiras de arcar com maiores despesas.

Sobre o caso da isenção de franquias, de que os jornais beneficiaram já em 1926, achamos possível concedê-la, dada a florescente situação em que se encontra a Administração Geral dos Correios, em cujo orçamento pouco sensivelmente poderia pesar tal isenção ao passo que a mesma viria aliviar a pequena imprensa de uma das maiores despesas obrigatórias que a oprimem.

Por ultimo «Eco de Estremoz» ventila a verdadeira praga que aflixe os jornais: a publicação de anúncios judiciais, na sua quasi totalidade insertos gratuitamente e sobre cujas importâncias—que nunca se recebem—incide ainda o imposto do selo.

E' este um problema que muitas vezes temos tratado nas nossas colunas, sem nada termos colhido, embora em congressos da pequena imprensa, já realizados, o tenhamos exposto em vão.

Não sabemos como remediar este gravoso e injusto problema, de molde a garantir aos pequenos jornais a recepção das importâncias dos referidos anúncios.

Pelo nosso lado de há muito já que o resolvemos, deixando de publicar nas nossas colunas tal qualidade de anúncios que só nos acarretavam prejuizos muito avultados, agravados ainda pelo pagamento do imposto de selo.

Uma vez que o Estado Novo, de características corporativas, está organizando os vários ramos da actividade económica e moral, porque não instituir também o Grémio da pequena imprensa, por intermédio do qual a esta chegassem os benefícios que a organização corporativa garante? Parece-nos que esta solução devia merecer a atenção de todos os pequenos jornais do País, agora ainda muito oprimidos pelas formidáveis e quasi insuperáveis dificuldades que o pesadíssimo agravamento dos preços do papel de impressão, aumentados 25% e até mais, sobre eles lançam.

Ninguém pode avaliar o que é a vida dos pequenos jornais desde que esta subida de preços de matérias primas se verificou! E' verdades de deiramente agónica.

Nesta conformidade impõe-se absolutamente a criação de um organismo corporativo da Pequena Imprensa, para garantir a merecida protecção a esta qualidade de jornalismo que é ainda aquela que mais profundamente penetra no seio da população do País.

Um Grémio da Pequena Imprensa, para orientar a actividade económica dos jornais que se publicam em quasi todos os concelhos de Portugal, para lhes procurar regalias e conseguir os actos de justiça a que elles têm direito, o primeiro dos quais é, incontestavelmente, o integral pagamento dos anúncios judiciais, para tratar do estabelecimento de uma harmonica e justa tabela de publicidade, para disciplinar a vida jornalística e, inclusivamente, para por intermédio de uma Direcção Nacional, orientar a acção de todos os jornais em frente de problemas de interesse nacional, evitando, assim, discrepâncias e cisões de opinião, é uma medida que merece o nosso inteiro e incondicional apoio.

Curso Prático de TRESPASSA-SE Guarda - Livros

Escrituração—Cálculo Commercial—Noções do Comércio—Contabilidade—Direito Commercial—Correspondência—Caligrafia e Estnografia—Processo práctico e rápido a preços módicos em classes ou por correspondência. Tratar com Carlos Prieto—Tavira.

Curso de Regentes

Professora leciona. Preços módicos, quem pretender dirija-se a esta Redacção.

TRESPASSA-SE

Um estabelecimento de fanqueiro e retrozeiro que serve para qualquer ramo de negócio e bellissimo local para um café, na Praça da Republica n.º 24, 25, 26 e 27.

Facilita-se o pagamento. Trata-se com o proprietario do mesmo João José da Silva em Tavira.

Anunciar no "Povo Algarvio"

é ter a certeza de exito

Retalhos e Arabescos

O Decálogo da mulher alemã nacional-socialista

Segundo lemos num jornal francês, os jornais alemães acabam de publicar os dez mandamentos da mulher nacional-socialista, isto é: da «verdadeira mulher alemã». Eis o novo decálogo:

- I) Serás nacional-socialista, a partir dos seis anos.
- II) Praticarás desporto.
- III) Farás um ano de trabalho obrigatório.
- IV) Comerás um prato unico por dia.
- V) Não dançarás senão dansas arianas, nem «fox», nem «lambeth-walk», que são contorsões para os negros e para judeus.
- VI) Não farás «maquilage», porque isso é próprio das selvagens.
- VII) Não fumarás, porque o tabaco vem do estrangeiro e o Reich não possui divisas.
- VIII) Comerás muito pouca manteiga, muito pouco leite e muito pouca banha.
- IX) Não deitarás nada fóra, porque todos os «ersatz» são uteis á industria alemã, tão pobre de matérias primas.
- X) Não ouvirás as emissões radiofónicas estrangeiras.

A barba está em moda entre os soldados franceses

Os soldadss franceses que estão na «frente» e os jóvens mobilizados voltaram, a usar barba. Dizemos voltaram porque houve um tempo em que a barba estava em moda no exercito da República Francesa.

Não se trata, agora, porém, duma barba hirsuta como aquella de que faziam gala os «poilus»—isto é: os «peludos»—de 1914. A barba militar de 1939 é mais elegante, correspondente, perfectamente ao pequenino bigode que os rapazes de hoje, imitadores ferverosos do actor norte-americano Douglas Fairbanks, usam, meticulosamente, como pequeno traço desenhado, sobre o lábio superior.

A barba actual é, mais ou menos, uma espécie de colar bem desenhado, guarnecendo o contorno das faces e o traçado da jugular e terminando por uma leve floração no queixo. O nosso eminente poeta Almeida Garrett usava, uma barba semelhante, embora a dos soldadss franceses dos nossos dias seja muito mais estreita e desenhada.

Como é de supôr, os barbeiros regimentais hão de ter dado ao diabo a nova moda, tal o trabalho a que ela os obrigará, para que os «magalas» da fronteira andem, sempre, com a barba bem espontada. Barba «á emir» é o nome técnico do novo ornamento piloso da tropa francesa. Na verdade, ela assemelha-se, extraordinariamente, á barba que os emires—e, dum modo geral, todos os árabes de categoria—exibem, quasi como destintivo de raça, na morena face. Inocente «coquetterie» de rapazes que a guerra chamou ás fileiras e que não querem ser concluidos na categoria dos «imberbis juvenis» de que fala o poeta...

Na Escola

Na escola de certa aldeia alemã, que, pela sua posição, parece estar fora dos «raids» da aviação, as aulas começaram.

Herr Professor interroga um garoto:

—Quem foi o primeiro homem?

—Napoleão!

Nada disso. Nesse sentido teriamos que dizer: Hitler. Mas não era isso que eu preguntava.

O primeiro homem foi Adão.

Então o garoto desconfiado, retrucou:

—Não sabia que queria falar de estrangeiros...

Exposição do Mundo Português

SECÇÃO COLONIAL

As obras da Secção Colonial da Exposição do Mundo Português, pode dizer-se, estão em acabamento. Se fôsse necessário inaugurar o certame já em Janeiro próximo, isso seria possível sem grande esforço.

Com excepção de dois pavilhões—de Angola e Moçambique—todos os outros estão, por assim dizer, prontos, trabalhando-se, agora, na instalação eléctrica e muitos artistas, pintores, escultores, architectos e engenheiros, nas decorações magnificas que farão destacar o esforço colonizador dos portugueses que, a nacionais e estrangeiros, dará uma idea exacta, vivida, de quanto vale o nosso Império Colonial.

Dirige a Secção Colonial da Exposição do Mundo Português o sr. capitão Henrique Galvão, já experimentado em trabalhos deste género, e que nas feiras de amostras coloniais de Luanda e Lourenço Marques e na Exposição Colonial do Porto, deu sobejas provas do seu saber, fôrça de vontade e espirito altamente organizador.

Todo o plano da exposição foi integrado na idéia de trazer até junto do povo, das várias camadas de população, de cultura e sentimentos absolutamente dispares, os subsidios etnográficos e afins do prolongamento de Portugal através das ilhas e continentes, onde os padrões marcam a posse definitiva, a fé se dilatou para sempre, no decorrer dos séculos, a bandeira da Pátria acolherá nas suas dobras os portugueses que ali mourejam.

Abrange a exposição uma área de mais de 70.000 metros quadrados, toda a superficie do Jardim Colonial, onde existem raros exemplares da nossa flora de além-mar. Já por esse motivo a exposição—junto do campo do Restêlo de onde partiram as caravelas—terá ambiente e caracter próprios.

Não quiz o sr. capitão Henrique Galvão—e não foi esse o encargo que recebeu—dar-nos um mostruário rígido de Museu, em que os gráficos, os productos, os mapas e objectos expostos perdem todo o interesse que lhe dá a vida e a colocação em ambiente próprio. Haverá aldeias indígenas com vida própria e as missões com a sua actividade sublime, a actividade indigena será mostrada através da realização de trabalhos e artefactos, e a arte dos negros, tão característica, será demonstrada através de mil aspectos. Desde a cubata ou palhota gentilica á casa, já com accentuada influencia civilizadora, a vida de todos os dias de simples indigenas e regulos, estará ali patente ao publico e, juntamente com ela, a expressão da riqueza, da caça, da flora e dos restantes valores do Império.

As Ruas de Macau e da India serão documentos vivos da actividade naquelas colónias

Das mais típicas é a Rua de Macau, obra dos decoradores Raul de Campos e Saul de Almeida, que abre com o seu arco característico, a alacridade do seu ambiente, uma série de prédios em que foi devidamente guardada a verdade architectónica com os seus berrantes letreiros em chinês, mesclados aqui e além—exactamente como sucede em Macau—de indicações em português. Nesse pedaço de Macau, transportado para Lisboa como por obra de magia, existem as lojas e oficinas onde os naturais exercerão os seus mesteres e se venderão os productos característicos. Para que a illusão do visitante se mantenha completa, lá estará o «Fantan».

Nesta rua, tão curiosa, terminam-se os ultimos edificios com os seus telhados exóticos e fechadas todas diferentes—reprodução fiel de outras existentes em Macau.

Foi semelhante a idea que levou á construção da Rua da India, obra de Vasco Regaleira, onde se vê, já a reconstituição de uma série de casas duma cidade indiana, com a visão da influencia urbanista dos portugueses que levaram para o Oriente as características architectónicas da Europa, mantendo um padrão de influencia que o tempo não destruirá. Os arcos, a capela, as janelas saídas sobre a rua, tudo dá ao conjunto um aspecto típico e verdadeiro, digno de nota.

A «casa das missões», obra que entenece e encanta

Merecedor de verdadeiro relêvo, obra notavel que entenece e encanta, é a capela com o seu claustro e pavilhão anexo, demonstração exacta da assistência religiosa e do altissimo valor moral e material da civilização difundida pelas missões.

A capela, com lindas decorações de Maria Adelaide Lima Cruz, está praticamente concluida, é construida com materiais definitivos que permitirão que terminada a exposição, continue aberta ao culto.

A' volta da «casa das missões», uma aldeia indigena com as suas palhotas, permite avaliar em pormenor a vida africana nos territórios nacionais, sempre em contacto permanente com a missão católica—fulcro principal da actividade e progressos indigenas.

No alto, destacando-se pela grandiosidade e beleza—entre tanta coisa bela—está o pavilhão de Caça e Turismo, obra do architecto Melo Breyner e do construtor sr. Pereira da Silva. Foi construido no antigo edificio do Museu Colonial e tem a fachada pronta, nem ao longe nem de perto recordando o velho edificio do século XVII.

Com as suas elegantes colunas o baixo relêvo de Almada Negreiros apanhando a parte central da frontaria, todo o edificio tem um aspecto extraordinário de beleza e grandiosidade.

Trata-se dum sector dedicado á cinegética e turismo. Serão reunidos ali copiosos documentos de fauna imperial e, com elles, os motivos que se relacionem com os processos de caça e aproveitamento dos despojos de animais. Sabido, como é, que uma grande parte dos indigenas das colónias portuguesas se dedicam á cinegética, uns por profissão, outros por necessidade de alimentação, poderá aquilatar-se a importância destes pormenores no conjunto da composição etnográfica.

Ao mesmo tempo, reunindo elementos esclarecedores das espécies e regiões de caça, por meio de cartas, fotografias e outros processos exhibicionistas, documentários de belezas naturais serão patenteados, com subsidios de informação sobre as suas características e meios de acesso.

Todos os animais expostos o serão em ambiente apropriado, dando ao publico a impressão da selva, mostrados em liberdade e vivendo a sua vida em ambiente próprio.

Junto do pavilhão, duas fontes luminosas, darão um efeito lindissimo.

conclui no próximo número

Dr. Morais Simão

CLÍNICA GERAL

Cirurgia, Partos e Dentos

Abriu a sua clinica na Praça Dr. Padinha

TAVIRA

Assinal o «POVO ALGARVIO»

Atenção!

O chefe de família que realizar o seu

Seguro de Vida

bem digno é de justos louvores por esse acto de verdadeira previdência, que acautela e garante o futuro da esposa e filhos.

Com o

Seguro de Vida

garantimo-nos contra as incertezas do dia de amanhã.

Seja previdente. Faça

imediatamente o seu seguro de vida

Consulte o agente de Seguros

Francisco Padinha Raimundo

TAVIRA

Aos Snrs. Construtores

Grande liquidação de todos os artigos de ferragens existentes na DROGARIA TAVIRENSE.

Apesar da enorme subida de preços esta casa liquida todos os seus artigos, tais como: fechaduras inglesas, Fechos, Fixas, Lemes, Trincos, Pregos, Parafusos, Ferramentas etc. etc. com grandes descontos.

M. SOUSA ROSA

Rua José Pires Padinha, 38 a 41

TAVIRA

VENDEM-SE

FIGUEIRAS em viveiro das seguintes variedades:

Euchárias brancas, Euchárias pretas, Cotias, Lampas brancas, Lampas pretas, Bêberas e Baforeiras ou de tocar. Quinta da Fidalga—Cacela.

AMENDOEIRAS

Vendem-se em viveiro na Quinta da Fidalga—Cacela.

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

VENDEM-SE

Alguns numeros do Dicionário da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Nesta Redacção se informa.

Cunha & Dias, L.^{da}

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos aos melhores preços
Condições especiais para revendedores

TELEFONE 59

É o número da TIPOGRAFIA SOCORRO

Vila Real S. António

onde V. Ex.^a deve mandar executar os trabalhos tipográficos e carimbos.

Amendoeiras

Vende amendoeiras, robustas e bem educadas, para plantar, Jaime da Silva Brito Neto—Rua D. Paio Peres Correia, N.º 8, 1.º—Tavira.

EDITAL

José da Costa Guerreiro, Presidente da Câmara Municipal de Loulé

Faz saber que no dia 15 do corrente, pelas 16 horas, na Sala das Sessões da Câmara, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, por licitação verbal, dos seguintes aparelhos receptores de telefonia sem fios, usados:

Philips=834	4
Telefunken=Imperial	3
Telefunken=Maestro	3
Philips=634—C	2
Philips=630—C	1

A base de licitação é de 4.000.000.

Para ser admitido a lançar, é necessário efectuar um depósito de 100.000 na Tesouraria da Câmara.

Não são admitidos lanços inferiores a 20.000.

A Camara é reservada a faculdade de não adjudicar se verificar que isso interessa ao Municipio.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ter a devida publicidade.

Loulé, 1 de Novembro de 1939.

O Presidente da Câmara,

José da Costa Guerreiro

(A última palavra em Rádio)

Siera-Rádio 1940

Acabam de chegar os novos receptores para todas as correntes, todas as voltagens, todas as ondas e ao alcance de todas as bolsas.

Aparelhos lindíssimos de rendimento extraordinário e optima tonalidade de som.

Admiráveis receptores para baterias de 6 volts.

VENDAS A PRESTAÇÕES

Consultar o agente geral no Algarve ou

Francisco António Padinha Raimundo

EM TAVIRA

Paulino & Graça, Lda.

RUA JOSÉ PIRES PADINHA
TELEFONE N.º 41 TAVIRA

Os melhores Artigos de Merceria
Excelentes Chás e Cafés

Puro AZEITE DO ALENTEJO

Lindas Louças Finos Vidros Bons Talheres

Duráveis Esmaltes e Ferros de Engomar

Gostosa Confeitaria Saborosos Licores e Vinhos do Porto

Chique Papel de Cartas Variados Brinquedos

Escolhida Perfumaria das marcas: NALLY, BENAMOR, SANTA CLARA, TAIPAS, etc.

Sabonetes — Loções — Rouges — Batons — Pós de Arroz

Pastas Dentífricas, — Cremes Dentífricos, etc.

Apreciáveis Descontos aos Revendedores

MÓDICOS PREÇOS